

Grupo Vida e Esperança Rede de Conhecimentos Tradicionais do Alto Juruá

Marechal Thaumaturgo AC

PROJETO

Mapeamento

Social

como Instrumento
de Gestão Territorial
contra o Desmatamento
e a Devastação

PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE POVOS
E COMUNIDADES TRADICIONAIS



16

*“Quando se trata de vida,
nós somos plantadores de vida”*

**NOVA CARTOGRAFIA
SOCIAL DA AMAZÔNIA**





© UEA-Edições – Manaus, 2014

COORDENAÇÃO GERAL DO PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida
PNCSA-CESTU-UEA/PPGAS-UFAM/CNPQ

EQUIPE DE PESQUISA

Mariana Ciavatta Pantoja – COORD. PNCSA/AFLORA/UFAC
Amilton Pelegrino de Mattos – PNCSA/AFLORA/UFAC
Enaiê Mairê Apel – PNCSA/AFLORA/UFAC
Antonio Teixeira da Costa – GRUPO VIDA E ESPERANÇA/PNCSA

TRANSCRIÇÃO

Gutemberg Cordeiro do Nascimento – AFLORA/UFAC
Enaiê Mairê Apel

EDIÇÃO

Mariana Ciavatta Pantoja

DESENHOS

Acelino Sales
Cleiber Pinheiro Sales Kaxinawá
João Souza de Oliveira
José Luis Henrique Marcino Kaxinawá
Jucelino Rodrigues de Souza
Lucas Sales Kaxinawá

CARTOGRAFIA

Joselânio Ferreira de Morais

FOTOGRAFIAS

Roberto Rezende – LATA/UNICAMP
Enaiê Mairê Apel
Mariana Ciavatta Pantoja

PROJETO GRÁFICO

Ernandes Fernandes CASA 8

PONTOS DE GPS

Willian José Arruda – AFLORA/UFAC
Plano de Manejo Participativo da Resex Alto Juruá (ICMBio, 2011)

Participantes da Oficina de Cartografia do GRUPO VIDA E ESPERANÇA – Reserva Extrativista do Alto Juruá e Terras Indígenas Vizinhas, realizada no Centro Saberes da Floresta Yokenka Ântame, nos dias 19, 20 e 21 outubro 2013: Aldemir Luiz Matheus Kaxinawá, Antônia Eliete Nascimento de Araújo, Antônio Teixeira da Costa, Antônia Valda Silva Lima, Antary Shomay Ashaninka, Antônio Petxanka Ashaninka, Bin Antônio Ashaninka, Dacília Ashaninka, Enaiê Mairê Apel, João Souza de Oliveira, José do Nascimento Freitas, José Luiz Massal Kaxinawá, Juscelino Rodrigues de Souza, Maldete (Benki) Pianko, Marcus Vinícius G. Franco, Maria Natália, Mariana Ciavatta Pantoja, Matxerenke Chomaj Ashaninka, Pedrinha Ashaninka, Raimundo de Lima, Raimundo José Souza de Oliveira, Roberto Sanches Rezende e Txewiko Asheninka.

M297 Mapeamento social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação: processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais: grupo vida e esperança e rede de conhecimentos tradicionais do alto Juruá, Marechal Thaumaturgo, AC, 16 / coordenação geral do projeto, Alfredo Wagner Berno de Almeida ; equipe de pesquisa, Mariana Ciavatta Pantoja ... [et al.]. – Manaus: UEA EDIÇÕES, 2014.

ISBN 978-85-7883-291-9

12 p.: il. color.; 27 cm. (Projeto Mapeamento Social como Instrumento de Gestão Territorial; 16)

1. Conflitos sociais. 2. Agroextrativistas – Marechal Thaumaturgo – Acre. 3. Comunidades tradicionais. 4. Desmatamento. 5. Territorialidade. 6. Cartografia. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Pantoja, Mariana Ciavatta.

CDU 528.9:316.48(811.2)

Plantando vida e esperança

“Eu vejo a importância do nosso trabalho pra Reserva assim: além de nós ter a alimentação, ter uma renda, mudar o hábito alimentar, contribuir pro nosso planeta, que precisa, realmente. Às vezes alguém fala assim: “não, mas se tu bota uma muda vai servir pro planeta?”. Eu digo: “vai, mas seu tirar eu estou tirando, estou tirando uma vida”. Não é verdade? A realidade é esta. Porque quando eu boto uma vida eu estou alimentando mais vida – eu penso isto. Então, o trabalho é importante porque nós descobrimos os talentos e estamos abrindo a mente daquelas pessoas que estão: “não sei se vou criar boi, ou se vou plantar...”. Quando você abre a mente delas, e você faz um trabalho, elas multiplicam para outros.”

ANTONIO TEIXEIRA DA COSTA, O ANTONIO CAXIXA, COMUNIDADE CINCO VOLTAS, RESEX DO ALTO JURUÁ

“Em 2003 eu comecei a já plantar alguma coisinha, o Caxixa antes já começou a levar, perguntar se nós queria plantar, eu: “rapaz, se tu trouxer eu vou plantar”. Aí começou trazendo. Em 2008, ele



leveu mais umas sementezinhas, né? Aí a gente tocou o barco pra diante.” **JOSÉ DE FREITAS, O ZÉ MAGRO, COMUNIDADE FOZ DO ACAPÚ, RESEX ALTO JURUÁ**

“Na comunidade as pessoas estão achando bonito e querem fazer também. Pessoas de outras comunidades estão vindo aqui, quando é época de fruta, aí olha: “rapaz, aqui é bonito, tem muita fartura”. Aí pede alguma fruta.

“Pode tirar. Agora, é assim: você come esta fruta aí mas você leve a semente porque isso aí só dá se plantar esta sementezinha aí”. **ZÉ MAGRO, COMUNIDADE FOZ DO ACAPÚ**

“E quando eu vou, que eu disser “vamos embora”, os filhos vão tudo, tá tudo ajudando, porque tudo gosta de comer! Eles já plantam. Perto da casa de farinha tem manga que nós levamos pra comer, aí eles foram e plantaram, tá lá.” **RAIMUNDO DE LIMA, O DIM, COMUNIDADE MORRO DA GLÓRIA, RESEX ALTO JURUÁ**

“Esse trabalho é importante pra que a gente possa dar sequência ainda mais, queremos todos juntos se reunir pra trocar experiência, pra que nós possa fazer muito mais. Mostrando os nossos esforços, o nosso trabalho, a nossa capacidade que nós temos de enfrentarmos a luta para

o bem-estar da nossa família, da família do vizinho, e que venha quem vier depois de nós sintam isso mesmo que nós estamos sentindo. Pra isso, é o que eu repasso para os meus amigos escutar, aqueles que querem me ouvir, não é todos que também querem.” **JUSCELINO RODRIGUES, O PEBA, VILA RESTAURAÇÃO, RESEX ALTO JURUÁ**

“O futuro é a gente fazer este tipo de coisa: reflorestar. Porque se a gente não plantar, só destruir o que tem, que Deus deixou, quando for pro futuro não vai ter nada. Então nós plantando a gente está com a esperança que tem, né? Tem pra filhos e netos, e pra outras pessoas que vão vir.” **MAGRO, COMUNIDADE FOZ DO ACAPÚ**



“O que é que nós podemos fazer pra recuperar esta área desmatada ou degradada? É com muita luta, com muita dificuldade, é implantando mucuna, consorciando ingazeira, plantando vários tipos de frutas e essência madeireira pra poder recuperar essas áreas. Isso é o trabalho do Vida e Esperança, grupo que começou há seis anos e a gente trabalha sete comunidades, e hoje estamos trabalhando com 40 mil mudas entre todas. São umas comunidades que o povo estão tocando o trabalho pra frente, mesmo sem projeto a gente não desistiu. É um trabalho de formiguinha beija-flor, mas que está acontecendo.” **ANTONIO CAXIXA, COMUNIDADE CINCO VOLTAS**

Conhecimento, tecnologia e diversidade

“Eu trabalho com a enxertia da banana, quem ouviu falar da enxertia da banana? É difícil, né? A Embrapa faz melhoramento genético, e eu fiz o cruzamento e mostro lá pras pessoas: banana najá com banana prata. Quem comeu dela fica impressionado com o sabor. Porque é semente, meu irmão, é semente, é qualidade, é a mesma família. Se você percebe a mesma família você consegue um dia fazer o melhoramento nela, assim que você tenha uma prática, uma curiosidade de fazer, você chega lá.” **ANTONIO CAXIXA, COMUNIDADE CINCO VOLTAS**



“Logo antes d’eu conhecer, eu não tinha bem prática. Eu tinha prática com outros tipos de plantação que a gente vinha plantando, que era a roça, a banana, o milho e o arroz, né? Eu aprendi muita coisa porque no caso a gente não sabia nem fazer um viveiro. Eu estou achando que por uma parte está indo bem, porque antes da gente vir fazendo este trabalho o negócio vinha ficando mais complicado pra nós e agora eu estou achando que está muito mais fácil. A gente trabalha em parceria com os

companheiros do grupo que a gente não tinha esta experiência de vir trabalhando junto. Pra mim é de grande importância este grande trabalho.” **JOÃO SOUZA DE OLIVEIRA, O BELO, COMUNIDADE ALEGRIA, RESEX ALTO JURUÁ**

“E eu venho nesse trabalho há muito tempo, e o plantio que faz parte do trabalho tem a tangerina, tem a laranja, o pupu, a ingá, a acerola, tem o patoá, a abacaba, tem o açaí. Pois bem, tem a banana, tem o mogno, tem o cedro, tem o caju, abacateiro, graviola, oiti, e outros tipos de fruteiras que eu tenho aqui.” **BELO, COMUNIDADE ALEGRIA**

“No nosso plantio vamos ver várias coisas: vamos ver tangerina, laranja, coqueiro, acerola, abiu, beribá, o mogno, o cedro, e vamos ver a pupunheira, a jarineira, o ouricuri, a bananeira, o açaí, o café, o cupuaçu, o abacaxi, o ananás e daí por diante. Quem dá vença de ingá é os macacos, dá muita, muita ingá mesmo! Vem pessoas aí, os vizinhos, come ingá e se estraga ingá!” **ANTONIA ELIÉTI NASCIMENTO DE ARAÚJO, A ELIÉTI, COMUNIDADE ALEGRIA, RESEX ALTO JURUÁ**

“Muitas vezes as pessoas têm dificuldade pra fazer o seu plantio. Olha, eu não sou profissional não, mas sou primeiros-socorros. E a gente vai lá, com o pouco conhecimento que a gente tem, eu sempre falo pra todo mundo que eu sou um aluno da letra A, estou aprendendo muito, você aprende a cada dia, aprende com a natureza.” **ANTONIO CAXIXA, COMUNIDADE CINCO VOLTAS**





Desmatamento: gado, invasão, migração e desconhecimento

“Nós estamos num momento [2013], dos 23 anos de criação da Reserva, foi ano que mais foi vendido carne de animal silvestre em Marechal Thaumaturgo. Nunca vi o que está acontecendo. O ano que foi retirado mais madeira. E



o ano de mais mudança do povo das áreas rurais para as áreas urbanas. Nós sabemos que muitas vezes falta uma assistência técnica, sabemos que muitas vezes falta o ensino de qualidade para os seus filhos. Nós sabemos disto também, e muitos vem por este motivo. Mas pessoas às vezes vem pela fantasia, porque está na cidade acha que está bem. E no fim não é isso.” **ANTONIO CAXIXA**

“A Reserva hoje tá ficando como maior criador de gado. Só lá no nosso sítio, nós sofre muita consequência com o gado dentro do no nosso sítio, a gente fala e ficam até intrigado com a gente, e se matar [o gado invasor] é arriscado até matar a gente. Nos outros anos era o gado do fazendeiro que mora aqui [na vila Thaumaturgo] e tem fazenda lá no Alegria. Este ano não vieram não lá, mas o gado da família... Agora o daquele vizinho do outro lado, vieram bem pertinho do nosso terreno, este ano. Estamos cercados de gado, pra cima e pra baixo.” **ELIÉTI, COMUNIDADE ALEGRIA**

“A gente tá preocupado também com o desmatamento aí dos parentes, os Ashaninka peruano. Esse é só pra agricultura. Eles faz, e desmata, pode ser inverno, pode ser verão, eles desmatam direto. Então isso causa muito problema com nós também. Não estão tirando madeira, mas a madeira tá toda numerada. Eles fizeram todo o mapeamento tudinho, e estão construindo um campo de pouso de avião e de helicóptero. E também já tem igreja. Eles tem a escola, né? É isso que a gente tá enfrentando o problema da terra Kaxinawá Ashaninka do rio Breu.” **JOSÉ LUIZ MASSAL KAXINAWÁ, ALDEIA VIDA NOVA, TI KAXINAWÁ-ASHANINKA DO RIO BREU**

“Esses peruanos que chegou, sempre nós caçava por lá, pra tirar pro consumo da família. Depois que eles chegaram, daí não dá pra nós ir mais caçar pro rumo do Peru, diz que é deles, que não posso mais caçar. Aí nós combinemos com eles: então nós somos moradores velhos, como é que nós vamos fazer essa? Vocês estão vindo de longe pra mandar aqui! Então começou a desmatar. Com oito anos de moradia na Reserva, eu não tenho nem 15 ha de roçado porque eu preservo bem a natureza. De mata ciliar, esses moradores faz só mata ciliar, broca roçado e aí deixa pra virar capoeira, aí depois broca outro em mata virgem. Não faz o manejo, só faz é destruir. Então aqui na minha aldeia, este ano passado não fez mais roçado em mata bruta, só em capoeira.” **JOSÉ LUIS HENRIQUE KAXINAWÁ, AGENTE AFLORESTAL, ALDEIA GLÓRIA DE DEUS, RESEX DO ALTO JURUÁ**

“Essa parte aqui no alto Caipora, onde eu moro, foi onde nós criamos uma área de refúgio, que não está sendo cumprida pelas leis, não pelos moradores, mas por pessoas de outras comunidades e de Marechal Thaumaturgo que vem caçar, fazer esse tipo de invasão, caça predatória. Então esse é um problema muito grande pra nossa comunidade que nós vem passando. Não só nós, mas como todos os companheiros que moram nesses igarapés, perto de área de refúgio, tão passando a mesma dificuldade.” **ZÉ MAGRO, COMUNIDADE FOZ DO ACAPÚ**

“Hoje meus filhos não tem o conhecimento que eu tenho, que a minha tradição é viver na floresta, morar, usar dos recursos naturais e também deixar que se cresça novamente, e eles não têm mais essa visão. Não sabe caçar, não sabe mariscar, não sabe andar na mata, conhecer a seringa, não sabe cortar ela do jeito que eu sei, porque o banco da escola tirou toda aquela visão. Porque hoje quando amanhece o dia vai lá pra escola, não vai lá pra onde eu vou, pra mata,



aprender a conviver com os animais, aprender o extrativismo, viver dali, tirar o sustento pra gente sobreviver. Que eles foram criado com o sustento que eu tirei da floresta pra eles, né? E hoje é assim. Não tem mais o conhecimento que eu tenho. Por exemplo, eu vou pro meu roçado, lá é minha casa de farinha, lá é meu setor, lá eu posso estar com a barriga seca mas de repente eu fico com o bucho cheio. Lá eu tenho banana, tenho mamão, tenho cana, tenho abacate, tenho melancia, tenho tudo que a terra fornece eu tenho lá plantado.

Pelo jeito que eu estou vendo, daqui mais dez anos não vai ter nem como a gente comprar a banana, comprar a farinha, comprar o arroz, o feijão porque mais ninguém quer ser agricultor, só pensa num futuro melhor. É estudar e sentar num banco de escola pra dar aula. É o sonho do povo jovem de hoje, o sonho é esse e não imagina: hoje eu vou aprender isso aqui assim porque posso estudar e não haver um emprego e eu já sei fazer tudo isso, né? Mas não pensa isso. Até porque existe uma lei que nós temos que mandar nossos filhos pra escola todo dia. Diz que nós temos uma obrigação de fazer isso e é o que nós faz. Então já tira todo o direito dele ver e conhecer o extrativismo porque se ele estiver lá, ele não tá estudando e se ele tiver estudando, ele não tá lá. A diferença que faz.” **PEBA, VILA RESTAURAÇÃO**

Rede de conhecimentos contra o desmatamento

“Nós sabemos que temos este problema. Nós pensamos: como é que vamos combater? Temos o Grupo Vida e Esperança, tem os txais lá do Breu, e também o Osmildo Kuntanawa com o pessoal dele, que tem um trabalho muito bonito. E o meu trabalho sempre foi assim: foi focar em pessoas que realmente tem um norte, quer o bem dessa Reserva, quer o bem desse planeta.” **ANTONIO CAXIXA**

“Então esta rede é pra que a nossa voz chegue lá fora dizendo como é que nós estamos vendo a nossa forma de conhecimento sendo desmoroada. Então esta troca de conhecimentos, de saberes consorciados, contra o desmatamento. Que é pra dar prova do que nós estamos falando, deixando tudo bem claro pro governo estadual, pro governo federal e pro governo municipal, e pro mundo: que nós temos nossos saberes tradicionais que devem ser respeitados pela lei, devem ser cultivados, devem ser preservados e conservados dentro da nossa memória, pois só assim nossa rede poderá a chegar a mostrar que o desmatamento não é um desenvolvimento para o nosso país, e sim a destruição da vida humana. Pois sem floresta não existe água e sem água não existe vida.” **OSMILDO KUNTANAWA, AGENTE AGROFLORESTAL NA ALDEIA SETE ESTRELAS**





“Eu ouvi gente falar no consórcio antes. Que era um tipo de família, de plantas consorciadas com outras. Isso iria dar o suporte onde crescer, desenvolver e produzir os seus frutos. Hoje nós temos um consórcio com homens, com a natureza. Isso é muito bom, isso é muito importante.” **ANTONIO CAXIXA**, COMUNIDADE CINCO VOLTAS

“Com a criação, em 2007, do Centro Yorenka Antame, a gente criou novamente a parceria com a Reserva, que foi a retomada desta articulação aqui no município pra gente poder ver o que que a gente poderia ajudar e o que que poderia aproveitar, e ao mesmo tempo também o que que a gente poderia dar de nossas experiências também para a organização, pro próprio movimento. Então a gente viu que toda esta parceria da gente poder ter esta aliança, o interessante disto é que fortalece ambos lados, trás compreensão de ambos lados, isto enriquece tanto a política interna das comunidades, quanto também dá visibilidade ao sistema que a gente quer desenvolver. Porque é como



se você trabalhasse uma política pública em um movimento a onde pudesse ter uma igualdade, pudesse ter ali um respeito de vizinhos.” **BENKI PIANKO**, ALDEIA APIWTXA, TI KAMPA DO RIO AMÔNIA, COORDENADOR DO CENTRO YORENKA ANTAME

Os nós da Rede

“A gente conseguiu levar o trabalho com apicultura e o sistema agroflorestal para os Kuntanawa, foi uma das coisas interessantes que a gente fez lá e que hoje tá lá: a ampliação pra várias famílias da comunidade e também até mesmo pra Reserva Extrativista, pra dentro da vila Restauração. Uma parceria que a gente fez com a comunidade Kuntanawa e com a comunidade da vila Restauração.” **BENKI PIANKO**, ALDEIA APIWTXA

“Bom, eu vou contar a história, sou agente agroflorestal indígena lá do Breu. Começamos trabalho em 2002 e naquele tempo não tinha agente agroflorestal, só tinha professor e liderança, não tem agente de saúde também. Naquele tempo não tem nada, acabou-se tudo, palheira, madeira, tudo isso. Naquele tempo não tem nada desse conhecimento, só faz roçado, deixa, bota outro, mata virgem, tá acabando, porque nossa terra é pequena, pequena e muito grande. Como eu pensei o meu trabalho? Meu trabalho é estar fazendo isto: estar plantando capoeira, tem que cuidar, não pode mais quando fazer outro roçado, deixar. Sempre eu converso na minha comunidade. Então agora quando for fazer roçado, planta macaxeira, aí quando fica bom, aí eu arranca, aí eu planta de novo maniva, quatro vezes eu planto. Quando não crescer, aí eu deixa, aí eu planta banana e abacaxi, e cedro e aguano. É assim que trabalha. Agora já tem área de refúgio, área de manejo pra peixe, já tem o poço onde tem o peixe. Agora, aí no Breu, já deu o meu trabalho isso.



Eu estou acompanhando este trabalho, eu estou falando sério mesmo do meu trabalho, a gente tá fazendo isto. Eu planta perto de casa, bem pertinho, encosta menos meia hora, e nós não cria gado, só cria galinha e pato. Agora na aldeia já tem um monte de planta, já nasceu um monte perto de casa. Como eu falei: olha, nós temos que fazer este trabalho, a terra é nossa, nossa família, tem que fazer.” **MATXERENKE CHOMAJ ASHANINKA**, AGENTE AGROFLORESTAL NA ALDEIA MORADA NOVA, TI KAXINAWÁ-ASHANINKA DO RIO BREU

“E nós estamos querendo unir mais, juntar e viajar também, conhecer e levar alguma informação também da região a onde nós vive, desse trabalho mesmo dos indígenas. Na teoria a gente pode tudo, mas na prática pode ter mais. E hoje estamos aqui juntando índio e os ribeirinhos e extrativistas pra ver que a gente pode criar mais a nossa alternativa pra a nossa sobrevivência, com a nossa biodiversidade, com a nossa floresta, com isso que a gente tem dentro do ambiente, e acho que isso a gente vai refletir mais um pouco, criar mais ideia, pensar pra não ser mais dividido, a gente se unir pra que a gente possa melhorar um pouco. E os órgãos poder ver também que nós somos capazes de defender o nosso direito aonde que a gente vive.” **ALDEMIR MATHEUS KAXINAWÁ**, AGENTE AGROFLORESTAL NO SÍTIO SÃO JOSÉ, TI KAXINAWÁ-ASHANINKA DO RIO BREU

“Então hoje a aldeia Sete Estrelas tem 14 mil pés de frutífera, sendo que 7 mil já tá em reprodução pra nossa própria cadeia alimentar, e também a nossa escola diferenciada, que hoje já deu o primeiro passo pra garantir a merenda regionalizada. Foi fechado esse acordo com a presença da secretária de educação do município. Então esse foi o primeiro passo como exemplo pra minha comunidade como agroflorestal, como liderança geral do meu povo, e que uma coisa meu pai me falou: a gente faz as coisas com a nossa coragem. O segundo passo agora é reflorestar, pra que possa fortalecer nossas comunidades, nossas aldeias, e também mais exemplo pra Vila Restauração. Pois esse é o nosso propósito: nós não somos adversários dos moradores da Reserva Extrativista, nós somos companheiros. E esse é o nosso trabalho e a demonstração de como a gente mostrar que é possível a gente combater o desmatamento.” **OSMILDO KUNTANAWA**, ALDEIA SETE ESTRELAS

Propostas do I Encontro Amazônico de Conhecimentos Consorciados Contra o Desmatamento, Cruzeiro do Sul, AC, abril 2013

- > Oficinas e intercâmbio entre as aldeias e as comunidades da Reserva
- > Realização de novo Encontro, com mais tempo de trabalho
- > Conhecimentos tradicionais dentro das escolas
- > Produção de materiais audiovisuais e publicações sobre o Encontro, sobre a Rede e o trabalho nas comunidades e aldeias
- > Uso da internet para comunicação e divulgação
- > Integração entre aldeias, escolas e rede de parques medicinais nas Terras Indígenas
- > Aprendizado de novas tecnologias (GPS, gravador, filmadora)

CONTATOS

GRUPO VIDA E ESPERANÇA
Antonio Teixeira da Costa
Comunidade Cinco Voltas, Rio Tejo
telefone 68. 8416-8688
pnca.acre@gmail.com

CENTRO YORENKA ANTAME
Benki Piyanko
telefone 68. 8412-9512
benkipiyanko@yahoo.com.br

TI KUNTANAWA DO ALTO RIO TEJO
Osmildo Kuntanawa
telefone 68. 99122601/84091003

TI KAXINAWÁ-ASHANINKA DO RIO BREU
Aldemir Mateus Kaxinawá
Aldeia Sítio São José
amaaiac@hotmail.com

MATXERENKE CHOMAJ ASHANINKA
aldeia Morada Nova
amaaiac@hotmail.com



PROJETO
Mapeamento Social

GRUPO VIDA E ESPERANÇA
REDE DE CONHECIMENTOS TRADICIONAIS
DO ALTO JURUÁ

- 1 Comunidade do Paraizinho – Humaitá AM
- 2 Nossa Senhora Auxiliadora – Humaitá AM
- 3 Bom Jardim – Benjamin Constant AM
- 4 Quilombolas do Rio Andirá – Barreirinha AM
- 5 Quebradeiras de Coco Babaçu e Agroextrativistas do Sudeste do Pará
- 6 Terra indígena Pindaré – Bom Jardim MA
- 7 Trabalhadores Rurais do Cujubim – Caracaraí RR
- 8 Desmatamento e a devastação de castanhais – Amaturá AM
- 9 Associação de moradores e produtores da comunidade remanescente de Quilombolas do Rosa – Amapá
- 10 Quilombolas do Forte Príncipe da Beira, Vale do Guaporé – Costa Marques RO
- 11 Quilombolas da ilha de São Vicente – Araguaetins TO
- 12 Quilombolas de São Tomé de Tauçú, Rio Acutipereira – Portel PA
- 13 Assentados e acampados no município de Rondon do Pará
- 14 Quilombolas do rio Mutuacá e seus afluentes – Curralinho PA
- 15 Invasão da acácia mangium nas terras indígenas de Roraima
- 16 Rede de Conhecimentos Tradicionais do Alto Juruá – Marechal Thaumaturgo AC



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7383-277-3

9 788578 832773

PROJETO EXECUTADO COM RECURSOS DO



REALIZAÇÃO

Grupo Vida e Esperança

APOIO

